



Jesus e o seu Natal

Na antiguidade encontramos uma festa muito curiosa, realizada na Europa Ocidental. Era a festa em honra do deus Apolo, que demarcava oficialmente o início do solstício de inverno.

Essa festa tinha início no dia vinte e dois de dezembro, quando começava oficialmente a vigorar o inverno europeu.

Essa festa reunia muitas pessoas, principalmente em Roma, porque o templo de Apolo atraía muita gente, de todas as regiões dominadas por Roma, para a festa que tinha lugar na Capital.

Era uma festa que os historiadores chamam de uma festa eminentemente pagã, porque durante três dias, o povo se unia em torno da figura do deus Apolo, que representava o sol.

Na hora em que o céu da Europa se toldava, que a neve começava a cair e que o sol desaparecia, o povo fazia procissões, evocando a presença do sol, que sempre passava no carro de Apolo. Era Apolo que conduzia, no seu carro, o sol.

Na Europa Ocidental, era comum que as pessoas, principalmente as donas de casa, pusessem as frutas das diversas estações para secar, para desidratar, a fim de que pudessem comê-las no inverno.

Preparavam pães, alguma peça de tecido para que, nesse dia, pudessem trocar entre as vizinhas e os familiares. Só entre as senhoras isso acontecia e, ao lado de tudo isso, se homenageava o solstício.

Foi graças a essa festividade, em honra de Apolo, que surgiu o Natal, o Natal de Jesus. Todos sabemos, que ninguém jamais descobriu ao certo qual foi a data em que Jesus nasceu, uma vez que houve, depois de Seu nascimento, mudança de calendário. Passamos a viver sob o calendário de Dionísio, o pequeno ou Abade Dionísio, o exíguo. Foi esse calendário que acrescentou

dois meses novos, até então inexistente: os meses de julho e agosto, os dois com trinta e um dias, em homenagem ao Imperador Júlio César e ao Imperador Augusto.

Como os dois eram meses em homenagem aos dois grandes Imperadores, não podia um ter mais dias que o outro. Foram tirados dois dias do mês de fevereiro, que passou a ter vinte e oito dias.

Ora, com todas essas mudanças, ninguém jamais ficou determinar qual foi realmente a data em que Jesus nasceu.

Alguns povos do Oriente admitem que Ele tenha nascido em outubro, outros em janeiro, outros em dezembro. Mas, isso é de menor importância. A data que homenageamos o Natal hoje, é uma data fictícia, é uma data tradicional, é uma data postiça, alinhavada pela Igreja Católica.

A Igreja entendeu que, sendo Jesus Cristo um Grande Senhor, e que merecia uma grande homenagem, deveria ser feita tal homenagem num dia em que se reunisse o maior número de pessoas em Roma. Deveria ser uma festa já existente, para atrair a Roma, um número enorme de visitantes, além de transformar um dia de festa pagã para substituí-la por uma comemoração em homenagem a uma figura de Jesus Cristo.

E se pensou exatamente nessa festa do solstício, que trazia muita gente a Roma. Durante três dias o povo comia, bebia à vontade, em torno do templo de Apolo, nas famosas barraquinhas.

Roma tinha vários vomitórios pela cidade, o povo comia, descarregava e tornava a comer, durante três dias, era uma festa de comidas e de bebidas sem limites.

Ora, no terceiro dia da festa do solstício, dia vinte e cinco de dezembro, se dava a grande procissão, com a imagem do deus Apolo, que rodeava o templo e, voltava ao seu altar, sob a

vação do povo excitado, ébrio, feliz, a seu modo, naquela festa notável do solstício.

A partir daí, a festa de Jesus Cristo foi realizada no solstício de inverno, em dezembro, na Europa Ocidental. Desde aí, o mundo cristão passou a admitir que Jesus Cristo nasceu no dia vinte e cinco de dezembro.

É para nós uma data simbólica, não é

verdadeiramente nessa data que Cristo veio à Terra, mas nos acostumamos a essa data, ela já tomou lugar no nosso íntimo, na nossa consciência cultural.

Por causa disso, não há nenhum problema em escolhermos qualquer data para homenagear a vinda do nosso Mestre ao planeta.

O Natal de Jesus

A Sabedoria da Vida situou o Natal de Jesus frente do Ano Novo, na memória da Humanidade, como que renovando as oportunidades do amor fraterno, diante dos nossos compromissos com o Tempo.

Projetam-se anualmente, sobre a Terra os mesmos raios excelsos da Estrela de Belém, clareando a estrada dos corações na esteira dos dias incessantes, convocando-nos a alma, em silêncio, à ascensão de todos os recursos para o bem supremo.

A recordação do Mestre desperta novas vibrações no sentimento da Críandade.

Não mais o estábulo simples, nosso próprio espírito, em cujo íntimo o Senhor deseja fazer mais luz...

Santas alegrias nos procuram a alma, em todos os campos do idealismo evangélico

Natural o tom festivo das nossas manifestações de confiança renovada, entretanto, não podemos olvidar o trabalho renovador a que o Natal nos convida, cada ano, não obstante o pessimismo cristalizado de muitos companheiros, que desistiram temporariamente da comunhão fraternal.

E o ensejo de novas relações, acordando raciocínios enregelados com as notas harmoniosas do amor que o Mestre nos legou.

E a oportunidade de curar as nossas próprias fraquezas retificando atitudes menos felizes, ou de esquecer as faltas alheias para

conosco, restabelecendo os elos da harmonia quebrada entre nós e os demais, em obediência à lição da desculpa espontânea, quantas vezes se fizerem necessárias.

É o passo definitivo para a descoberta de novas sementeiras de serviço edificante, através da visita aos irmãos mais sofredores do que nós mesmos e da aproximação com aqueles que se mostram inclinados à cooperação no progresso, a fim de praticarmos, mais intensivamente, o princípio do "amemo-nos uns aos outros".

Conforme a nossa atitude espiritual ante o Natal, assim aparece o Ano Novo à nossa vida.

O aniversário de Jesus precede o natalício do Tempo.

Com o Mestre, recebemos o Dia do Amor e da Concórdia.

Com o tempo, encontramos o Dia da Fraternidade Universal.

O primeiro renova a alegria.

O segundo reforma a responsabilidade.

Começamos oferecendo a Ele cinco minutos de pensamento e atividade e, a breve espaço, nosso espírito se achará convertido em altar vivo de sua infinita boa vontade para com as criaturas, nas bases da Sabedoria e do Amor.

Não nos esqueçamos.

Se Jesus não nascer e crescer, na manjedoura de nossa alma, em vão os Anos Novos se abrirão iluminados para nós.

Meditando o Natal

Livro Antologia Mediúnica do Natal

Na exaltação do Natal do Senhor, acaltenhamos nossa fé em Jesus, sem nos esquecermos da fé que Jesus deposita em nós.

Não desceria o Senhor da comunhão com

os Anjos, sem positiva confiança nos homens.

É por isso que, da Manjedoura de Simplicidade e Alegria à Cruz da Renúnciação e da Morte, vemo-lo preocupado na

recuperação das criaturas.

Convida pescadores humildes ao seu ministério salvador e transforma-os em advogados da redenção humana.

Vai ao encontro de Madalena, possuída pelos adversários do bem, e converte-a em mensageira de luz.

Chama Zaqueu, mergulhado no conforto da posse material, e faz dele o administrador consciente e justo.

Não conhece qualquer desânimo, ante a negação de Pedro, e nele edifica o apóstolo fiel que lhe defenderia o Evangelho até o martírio e a crucificação.

Não se agasta com as dúvidas de Tomé e eleva-o à condição de missionário valoroso, que lhe sustenta a causa, até o sacrifício.

Não se sente ofendido aos golpes da incompreensão de Saulo, o perseguidor, e visita-o, às portas de Damasco, investindo-o na sua posição de emissário de Sua Graça, coroando de claridades eternas...

A fé e o otimismo do Cristo começaram na descida à estrebaria singela e continuam,

até hoje, amparando-nos e redimindo-nos, dia a dia...

Assinalando, assim, os júbilos do Natal, recordemos a confiança do Mestre e afeição de amor e luz, tomando por marco de partida a nossa própria existência.

O Senhor nos conclama à tarefa que o evangelho nos assinala...

Nos primeiros três séculos de Cristianismo, os discípulos que lhe ouviram a Celeste Revelação levantaram-se e serviram-no com sangue e sofrimento, aflição e lágrimas.

Que nós outros estejamos agora dispostos a consagrar-lhe igualmente as nossas vidas, considerando o crédito moral que a atitude d'Ele para conosco significa...

Aprendamos, trabalhem e sirvamos, até que um dia, qual aconteceu ao velho Simeão, da Boa Nova, possamos exclamar ante a Presença Divina:

– “Agora, Senhor, despede em paz o teu servo, segundo a tua palavra, porque, em verdade, meus olhos já viram a salvação.”

A Manjedoura

Emmanuel - Livro Antologia Mediúnica do Natal

As comemorações do Natal conduzem-nos o entendimento à eterna lição de humildade de Jesus, no momento preciso em que a sua mensagem de amor felicitou o coração das criaturas, fazendo-nos sentir, ainda, o sabor de atualidade dos seus divinos ensinamentos.

A Manjedoura foi o Caminho.

A exemplificação era a Verdade.

O Calvário constituía a Vida.

Sem o Caminho, o homem terrestre não atingirá os tesouros da Verdade e da Vida.

É por isso que, emaranhados no cipal da ambição menos digna, os povos modernos, perdendo o roteiro da simplicidade cristã, desgarram-se da estrada que os conduziria à evolução definitiva, com o Evangelho do Senhor. Sem ele, que constitui o assunto de todas as ciências espirituais, perderam-se as criaturas humanas, nos desfiladeiros escabrosos da impiedade.

Debalde, invoca-se o prestígio das religiões numerosas, que se afastaram da Religião Única, que é a Verdade ou a Exemplificação com o Cristo.

Com as doutrinas da Índia, mesmo no seio de suas filosofias mais avançadas, vemos os párias miseráveis morrendo de fome, à porta suntuosa dos pagodes de ouro das castas privilegiadas.

Com o budismo e com o xintoísmo, temos o Japão e a China mergulhados num oceano de metralha e de sangue.

Com o Alcorão e com o judaísmo, temos as nefandas disputas da Palestina.

Com o catolicismo, que mais de perto deveria representar o pensamento evangélico, na civilização ocidental, vemos basilicas suntuosas e frias, onde já se extinguíram quase todas as luzes da fé. Aí dentro, com os requintes da ciência sem consciência e do raciocínio sem coração, assistimos as guerras absurdas da conquista

